

A cooperação científica internacional tem sido fundamental para o desenvolvimento do Egito, pois permite que universidades e centros de pesquisa nacionais participem de projetos que trazem inovação tecnológica, transferência de conhecimento e capacitação de profissionais. Graças a essas parcerias, o país tem avançado em áreas como biotecnologia, energia renovável e agricultura, setores essenciais para o seu crescimento sustentável. No campo da saúde global, o Egito tem colaborado com organismos multilaterais como a Organização Mundial da Saúde para fortalecer a resposta a epidemias, melhorar a vigilância sanitária e expandir o acesso à vacinação. Já em segurança alimentar, a cooperação com agências internacionais e países parceiros tem sido voltada para o uso mais eficiente da água do Nilo e para o aumento da produtividade agrícola, de modo a enfrentar tanto os desafios internos quanto os impactos das mudanças climáticas. Ainda assim, o país encontra barreiras significativas, como o financiamento limitado à pesquisa, a burocracia que atrapalha o intercâmbio científico e as desigualdades na infraestrutura de laboratórios. A ciência, no entanto, é vista como peça-chave para responder a crises globais, como demonstrado durante a pandemia de COVID-19, quando a colaboração acelerou a produção de vacinas, e também na luta contra o aquecimento global, onde o Egito tem papel ativo, inclusive por sediar conferências internacionais sobre clima. Nesse sentido, o país busca alinhar ciência, ética e política internacional, defendendo que a pesquisa deve respeitar princípios éticos universais e, ao mesmo tempo, atender às prioridades nacionais de soberania, saúde e desenvolvimento.

No que diz respeito aos direitos trabalhistas e à desigualdade econômica, o Egito enfrenta desafios importantes. A elevada taxa de informalidade no emprego, combinada com o desemprego juvenil e feminino, dificulta a garantia de condições de trabalho dignas para todos os cidadãos. Embora o governo adote programas sociais, subsídios e políticas de redistribuição de renda, esses mecanismos ainda não conseguem reduzir de forma consistente a disparidade entre ricos e pobres, sobretudo porque os mais beneficiados são aqueles inseridos no setor formal. A globalização trouxe efeitos mistos: por um lado, gerou empregos em setores ligados ao comércio internacional e ao investimento estrangeiro; por outro, intensificou a concorrência e, em alguns casos, agravou a precarização do trabalho, principalmente onde a fiscalização é frágil. Internacionalmente, o Egito participa das discussões sobre regulamentação laboral em espaços multilaterais como a OIT, defendendo que as especificidades dos países em desenvolvimento sejam consideradas antes da adoção de padrões universais que possam comprometer a competitividade econômica. Por isso, defende-se uma cooperação internacional mais justa, capaz de apoiar a formalização do trabalho, fortalecer a inspeção laboral e financiar sistemas de proteção social que garantam direitos básicos aos trabalhadores. Somente assim será possível combater a exploração em economias emergentes e assegurar que o desenvolvimento econômico caminhe lado a lado com a justiça social.